

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Alessandra Alves de Oliveira

**O DESENHO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Lagoa Santa

2020

Alessandra Alves de Oliveira

**O DESENHO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: João Henrique Ribeiro
Barbosa

Lagoa Santa
2020

Oliveira, Alessandra de Alves.

O Desenho no Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais no Ensino

Fundamental II. / Alessandra Alves de Oliveira. – 2020.

38 f., enc

Orientador: João Henrique Ribeiro Barbosa

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 37-38.

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Barbosa, João Henrique Ribeiro. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: ALESSANDRA ALVES DE OLIVEIRA

O DESENHO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.

Prof. João Henrique Ribeiro Barbosa – Orientador – CEEAV/ EBA/ UFMG

Profa. Lucia Gouvêa Pimentel – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG-Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 10 de junho de 2020.

Resumo

Nossa relação com o desenho começa na infância. Crescemos debruçados sobre uma folha de papel com um lápis na mão, construindo o mundo à nossa maneira. O desenho é umas das linguagens que aguça a curiosidade dos alunos e, por isso, é muito explorado em sala de aula. Como professora, observo que cada criança tem uma relação diversa na construção do desenho. Sendo assim, meu objetivo é a elaboração de uma proposta didática voltada para os alunos do Ensino Fundamental II que explore o desenho no ensino/aprendizagem em Artes Visuais. Este trabalho final dá foco às leituras e pesquisa sobre o ensino de Arte com o desenho, além da vivência docente em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental. A metodologia tem como referências publicações na área de artes e observações e reflexões autorais.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais, Desenho, Proposta didática.

Abstract

Our relationship with drawing begins in childhood. We grew up hunched over a sheet of paper with a pencil in hand, building the world in our way. Drawing is one of the languages that piques the students' curiosity and, therefore, is widely explored in the classroom. As a teacher, I notice that each child has a different relationship in the construction of the drawing. Therefore, my goal is to develop a didactic proposal aimed at elementary school students that explore drawing in teaching and learning in Visual Arts. This work focuses on readings and research on teaching art with drawing, in addition to teaching experience in the classroom in the final years of elementary school. The methodology is based on art publications and authorial observations and reflections.

Keywords: Visual Arts Education, Drawing, Didactic proposal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – AS INFLUÊNCIAS DO DESENHO NO ENSINO DE ARTE	12
1.1 – REFLEXÕES E CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.2 – O DESENHO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA.....	17
CAPÍTULO 2 – A MINHA FORMAÇÃO	21
CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DIDÁTICA E O DESENHO	23
3.1 – TEMA GERAL DO ENCONTRO: A LINHA, A COR E O RITMO.....	23
3.1.1 – PRIMEIRO ENCONTRO/PARTE I – LINHA E COR.....	23
3.1.2 – PRIMEIRO ENCONTRO/ PARTE II – LINHA E COR.....	26
3.2 – TEMA GERAL DO ENCONTRO - RITMO E COR	29
3.2.1 – SEGUNDO ENCONTRO/PARTE I – RITMO	29
3.2.2 – SEGUNDO ENCONTRO/PARTE II – COR.....	31
3.3 – TEMA GERAL DO ENCONTRO: A LINHA, A COR E O RITMO.....	33
3.3.1 – TERCEIRO ENCONTRO	33
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

“Desenhar é levar uma linha para passear” (Paul Klee)¹

São muitos os desafios no ambiente escolar, inclusive, no processo de ensino/aprendizagem em Arte. Sou professora na rede de Betim – PEB II² e há 6 anos leciono em uma escola municipal do 6º ao 9º ano. Essa atuação me possibilitou vivenciar e aprofundar minha prática na docência com alunos de dez a quatorze anos. Durante esse período, percebi que o desenho é uma linguagem artística importante na vivência dos alunos, pois, se por um lado, aguça a curiosidade e a experimentação, por outro lado, pode significar maiores expectativas em atividades que incentivam a produção de representações realistas.

Desde a infância, o desenho está inserido na vivência da criança, debruçada sobre uma folha de papel, imersa em seu mundo. Ela se envolve em seu processo criativo usando seus traços para expressar figuras, cenários e histórias.

A criação de imagens envolve tanto o conhecimento do sujeito sobre si, sobre sua cultura, quando sobre a linguagem. A imagem criada pela criança diferencia-se da imagem criada por jovens ou adultos, pois a maneira de construir hipóteses para as formas se modifica à medida que a pessoa amplia o repertório imagético e experiencia linguagens. Além disso, a experiência de vida do sujeito interfere na criação, porque altera o repertório e a percepção do mundo. O sujeito mais experiente tem mais elementos com os quais lidar para inventar a imagem. Mas juntamente com a experiência vem a crítica, que muitas vezes – como percebemos em nossos alunos adolescentes – é fator impeditivo da criação. (PEREIRA, 2019, pg. 20-21).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental I – o desenho fica limitado a atividades para colorir e ilustrar histórias, enquanto poderia ser desenvolvido em vários momentos com atividades que explorassem o uso de suportes e procedimentos. Nessa fase, a criança adquire um jeito próprio de desenhar, marcado pela autonomia e espontaneidade. Somando a esse aspecto, as atividades direcionadas para essa temática, ficam aquém do esperado pelo aluno, o que pode causar frustração e desinteresse.

¹ PIYASENA, Sam e PHILP, Beverly. *Desenhe! Curso de desenho dinâmico para qualquer um com papel e lápis à mão*. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015, p. 15-16.

² PEB II - Professor da Educação Básica II, anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ainda encontramos escolas ensinando desenho geométrico em lugar de Arte, outras dando xerox de personagens de Disney – todos iguais para a classe toda colorir da mesma cor em nome da Cultura Visual – e professores dando imagens para copiar em nome da leitura... Isso tudo ao lado de muita experiência imaginativa, inventiva, significativa, com fotografias, cinema, vídeo, montagens digitais, instalações e trabalho de análise de ver imagens, objetos, crítica de publicidade, o mundo virtual e o mundo real em busca de interpretação de significados ou respostas imaginativas. (BARBOSA, 2015, p.16).

É perceptível o quanto o desenho pode ser desenvolvido e integrado aos conteúdos, por isso, o professor tem um papel fundamental na condução dessa linguagem em sala de aula. Nesse sentido, se faz necessário desenvolver a relação do professor/artista com novas abordagens³. Ele precisa se inserir no mundo da arte seja por meio da produção artística, ou da pesquisa em arte-educação. O papel do professor/artista deve estar direcionado no desenvolvimento de práticas que auxiliem o aluno a aprimorar o seu olhar, na percepção e interpretação de imagens e contextos.

Nessa perspectiva, é fundamental que o Professor seja uma pessoa envolvida com arte, que seja capaz de provocar estímulos e não apenas cumprir tarefas e distribuir atividades para os alunos. Quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico. (LOYOLA, 2016, p.14-15).

Muitos alunos chegam ao Ensino Fundamental II e se mostram sem autonomia no processo criativo/artístico, esperando que o professor dite a maneira de construir o desenho.

O que o processo de socialização faz com a imaginação? A criança pequena entra na escola e encontra o olhar complacente do adulto: "que lindo o seu desenho, olhe só que imaginação que 'criatividade', como é interessante seu jeito diferente de perguntar". Isto, na melhor das hipóteses, quando encontra um adulto "sensível" ao "mundo infantil". Então aí a imaginação está bem, afinal, dizem, a criança ainda "não sabe pensar direito", a fantasia estrutura o ser da criança, é sua forma de relacionamento com o mundo. Ela precisa brincar - quando deixam, é claro - também desenhar, ouvir histórias; *ainda* não

³ LOYOLA, Geraldo Freire. Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. 2016. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/EBAC-A9GJ98>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

está na hora de ESTUDAR. No 1º grau, tudo muda: a seriedade dos números, palavras, regiões do mundo, do corpo humano invade os espaços ocupados até então pela imaginação. (BARBOSA, 2008, p. 29).

Na tentativa de refletir sobre a importância do ensino do desenho como uma abordagem para o aprendizado em Arte com os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. Meu objetivo é elaborar de uma proposta didática voltada para os alunos do Ensino Fundamental II que explore o desenho no ensino/aprendizagem em Artes Visuais. Essa proposta deverá estimular e incentivar a experimentação por meio do desenho como técnica artística e de materiais acessíveis no ambiente escolar. A atividade didática será construída a partir do estudo de autores e pesquisadores especializados no ensino de arte e da minha prática como docente, bem como perguntas que trago ao longo da minha trajetória refletindo possíveis caminhos encontrados para a resolução de dificuldades. A proposta didática dialoga com a sistematização apresentada por Ana Mae Barbosa, a “Abordagem Triangular”. Ela será desenvolvida por meio de atividades realizadas em sala de aula que estimulem o olhar, a contextualização e a criação individual do desenho e também da análise das obras de arte; os artistas plásticos selecionados foram Jaider Esbell e Sandra Cinto. A escolha desses artistas se deu pela relação que esses propõem com o desenho e alguns elementos plásticos como a linha, a cor e o ritmo. Acredito que esses elementos são importantes de se conhecer porque são elementos básicos da linguagem visual nas construções de formas plásticas e visuais em espaços bidimensionais e tridimensionais.

Além da discussão de elementos das artes plásticas, também serão abordados outros que dizem respeito às Artes Visuais, especificamente ao cinema e a música. Esses assuntos serão introduzidos após a apresentação do filme “Sonhos” (1990) do diretor Akira Kurosawa e de alguns trechos do “Noturno”, Op. 09 (1830 –1832) de Frédéric Chopin.

Tendo em vista esses estímulos, acredito que os alunos poderão aperfeiçoar a habilidade de interpretar e criar hipóteses, além de conhecer métodos e procedimentos usados pelos artistas. Assim, a proposta didática consiste em ampliar as expectativas possíveis com o desenho; os encontros foram pensados para

possibilitar aos alunos, transpor suas vivências e conhecimentos com maior liberdade e sem a necessidade de aprovação de representações figurativas.

A construção da imagem acontece na experiência deflagrada pela produção. O sujeito aprende a produzir imagens durante a criação. É na utilização de elementos gráficos que a pessoa aprende como desenhar. As linguagens demandam conhecimento e como tal requerem informação, pesquisa que comporá um repertório. Quanto mais conhece e utiliza determinada linguagem, melhor o sujeito criará e se comunicará por meio dela. (PEREIRA, 2019, p. 18-19).

No primeiro capítulo, falo de alguns momentos da história do ensino de Arte, importantes para a construção da educação pública, o surgimento de alguns movimentos na educação e no ensino de Arte com a valorização da livre expressão do aluno e a obrigatoriedade da disciplina no ensino das escolas públicas. O segundo capítulo tem como ponto principal a minha formação, descrevendo o desenho na minha vivência, o processo de desconstrução nas aulas particulares e universidade, concluindo com a linguagem expressiva do desenho.

O terceiro capítulo é a elaboração de uma prática didática com encontros contendo os três eixos da Abordagem Triangular: fazer, contextualizar e apreciar.

Essa proposta deverá promover momentos que valorizem a expressão individual e fortaleça o ensino do desenho no Ensino Fundamental II na escola pública. A primeira prática será um debate com a participação dos alunos em sala, para que esses conheçam algumas obras dos artistas, observando conteúdos e detalhes, ampliando a troca de ideias. A segunda prática terá uma análise mais conceitual e histórica dos artistas e conseqüentemente das obras e da motivação do desenho nas artes visuais. É importante conhecer os recursos, suportes e instrumentos usados pelos artistas na concepção das ideias. E a terceira prática será o momento de produção artística, na experimentação do uso dos materiais, procedimentos e suportes disponíveis na escola relacionados com as aulas anteriores.

CAPÍTULO 1 – AS INFLUÊNCIAS DO DESENHO NO ENSINO DE ARTE

1.1 REFLEXÕES E CONTEXTO HISTÓRICO

A história da educação no Brasil apresenta momentos diferentes, reflexo da época e de novas perspectivas para a educação brasileira, influenciando também o ensino de Arte.

A hierarquia do conhecimento escolar - explícita e implícita – ainda mantém o ensino de Arte num escalão inferior da estrutura curricular; porém, felizmente, não decreta seu falecimento. Isso não significa que não tenham ocorrido mudanças na maneira de conceber e realizar o ensino de Arte (quando ele existe) na escola. Também não significa que estas mudanças tenham decorrido unicamente ou principalmente da vontade e compreensão do governo federal sobre o que seja o conhecimento em Arte e as suas funções na educação. (BARBOSA, 2008, p. 28).

A Academia Imperial de Belas-Artes, criada em 1826 era mantida por uma sociedade civil rica com parte do orçamento de doações de políticos do Império e com inconstantes fundos governamentais. O ensino de ofícios artísticos com aulas de desenho de observação, cópia de moldes e desenhos mecânicos, com objetivo de formar o artista para o exercício das belas-artes e o artífice para as atividades industriais, vistos como um preparativo para o trabalho, aplicado aos ofícios e atividades industriais.; Devido às dificuldades financeiras na implantação de oficinas, concentrou-se no ensino de Belas Artes.

Já no século XIX com a Implantação da República (1889), a academia ganha o nome de Escola Nacional de Belas-Artes, tendo papel fundamental no ensino de Arte. Extinta em 1931, a escola foi absorvida pela Universidade do Rio de Janeiro com atividades até os dias de hoje como uma de suas unidades de ensino, a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No final do século XIX, o liberalismo aparece na política e na educação com a pedagogia idealizada por Rui Barbosa (1849-1923). Os liberais introduzem o ensino do desenho na educação, numa perspectiva mais igualitária como estímulo para o trabalho industrial (design).

Devemos aos liberais o início do ensino do desenho industrial na escola, isto é, do que hoje conhecemos como design. Se propunham a dar um conhecimento técnico de desenho a todos os indivíduos de maneira que, libertados da ignorância, fossem capazes de produzir

suas invenções. Educar o 'instituto da execução' para evitar que ele se tornasse um impedimento à objetivação da invenção era o princípio básico, isto é, primeiro aprender como trabalhar, depois aplicar as habilidades técnicas solucionando os problemas e dando forma concreta às criações individuais. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 11).

O ensino do desenho estava presente no ensino superior e conseqüentemente, foi introduzido no ensino primário e secundário a fim de promover o desenho técnico.

Os princípios liberais disseminados a partir do ensino superior chegam à escola secundária e primária, não sem as contaminações do pensamento positivista, que continua forte no País. Nos primeiros anos do século XX prevalece um grande estímulo ao ensino do desenho, visto como um importante meio para a formação técnica, mas com ingredientes conceituais como a racionalização da emoção ou ainda a liberação da inventividade. (GOUTHIER, 2008, p.1).

Em meados do século XIX, as ideias positivistas encontraram ascensão no exército, devido à valorização das ciências exatas, da engenharia e do distanciamento da tradição humanista e acadêmica. Nesse período, dava-se ênfase a liberdade e aptidões individuais, sem abandonar o positivismo que manifestava a valorização do racionalismo e exatidão científica.

Já os positivistas, atrelados ao evolucionismo, defendiam a ideia de que a capacidade imaginativa deveria ser desenvolvida na escola através do estudo e cópia dos ornatos, pois estes representavam a força imaginativa do homem em sua evolução a partir das idades primitivas. No ensino do desenho, portanto, dominava o traçado de observação de modelos de ornatos em gesso. Recomendavam que se devia começar pelos baixos-relevos compostos por linhas retas, porque esta composição de ornatos era a mais sumária e correspondia à expressão ornamental dos povos primitivos da Oceania e África, para depois passar para os modelos em curvas e linhas caprichosas encontráveis na decoração de povos mais evoluídos, como os índios peruanos e mexicanos, e só então introduzir o alto-relevo representando figuras da fauna e da flora, expressão mais complexa, características dos gregos no início de sua história. (BARBOSA e COUTINHO, 2011, p. 14).

Durante o século XX, surgem fatores econômicos, sociais e culturais que influenciam mudanças na sociedade e interferem na educação. Prevalece o desenho como base na formação técnica e aperfeiçoamento do conhecimento técnico e estético, mas aparecem novas abordagens voltadas para o ensino de Arte no país. Surge um novo olhar para o desenho infantil como objeto de estudo cognitivo.

O movimento Escolinhas de Arte (1948), difundido por Augusto Rodrigues (1913-1993) tentava desenvolver processos mais criativos dando impulso a expressividade e liberdade. No ano de 1971, o movimento já tinha se difundido por todo o país, oferecendo cursos de artes para crianças e adolescentes e formação para professores e artistas.

Algumas experiências com oficinas em ateliês como as oferecidas por Mário de Andrade (1893-1945) e de Anita Malfatti (1889-1964) foram significativas nas mudanças no ensino de Arte e do desenho com aprendizagem livre e o incentivo à expressão criativa. Mas esse movimento foi paralisado pela ditadura do Estado Novo na era Vargas, que veio na contramão de novas experiências na área da educação artística. O ensino oficial de Arte na escola primária e secundária seguido nesse período foi pautado em aulas de desenho geométrico e cópia de estampas, com a finalidade de orientar a formação artística, adequada ao padrão modelo vigente.

O Estado Novo interrompe o desenvolvimento da Escola Nova, perseguiu educadores e criou o primeiro entrave ao desenvolvimento da arte/educação. Solidificou alguns procedimentos antilibertários já ensaiados na educação brasileira anteriormente, como o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para as aulas de composição em língua portuguesa. É o início da pedagogização da arte na escola. Não veremos, a partir daí, por alguns anos, uma reflexão acerca da arte/educação vinculada à especificidade da arte, como fizera Mário de Andrade, e que só o pós-modernismo voltaria a fazer, mas uma utilização instrumental da arte na escola para treinar o olho e a visão ou seu uso para liberação emocional e para o desenvolvimento da originalidade vanguardista e da criatividade, esta considerada como beleza ou novidade. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 21-22).

O Modernismo traz a ideia de arte como expressão com atividades artísticas aceitas pelo campo da educação, trazendo experiências bem sucedidas de Arte voltada para crianças e adolescentes como atividades extracurriculares. Mesmo com o uso de modelos estrangeiros, inicia-se a representação de uma arte brasileira com a fusão de influências da arte moderna aos elementos brasileiros, temas mais nacionais como o folclore e o cotidiano de nosso povo.

Ana Mae Barbosa (2015) fala das transformações ocorridas no século XX e na arte brasileira com o Modernismo:

O século XX é tido como o de grandes transformações nas artes, nas ciências, nas tecnologias, na vida. O Modernismo incita a autonomia da arte que não quer mais ter estilos fixos, onde os artistas se enquadram. O quadro, ele mesmo, antes tão exaltado, dá lugar a outros contornos, já não consegue mais conter a totalidade da obra. (BARBOSA apud PIMENTEL, 2008, p.5).

Em 1932, educadores como Anísio Teixeira (1900-1971) assinam um Manifesto da Escola Nova. O movimento Escola Nova foi criado na América em 1882, pelo filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). Acreditava-se na educação como um elemento eficaz na construção de uma sociedade mais democrática, com respeito à individualidade do sujeito. Anísio foi aluno de John Dewey, no curso de pós-graduação nos Estados Unidos. Ele foi um teórico e idealizador da educação brasileira e da implantação da escola pública gratuita em todos os níveis. Victor Lowenfeld ((1903-1960) foi outro teórico da Escola Nova; ele pensava o ensino de Arte com a livre expressão e novos métodos fora da forma rígida tradicional na qual era mantido.

Com a crise político-social contestatória da oligarquia e a tentativa de instauração de um regime mais democrático, uma reflexão sobre o papel social da educação aflora novamente. Desta vez é a educação primária e a escola que se tornam o centro das atenções reformistas através do movimento que ficou conhecido pelo nome de 'escola nova'. Defendia-se, então, o mesmo princípio liberal de arte integrada no currículo, ou melhor, de arte na escola para todos. Entretanto, enquanto os liberais tinham como objetivo o ensino dos aspectos técnicos do desenho para preparar para o trabalho, a 'escola nova' defendia a idéia da arte como instrumento mobilizador da capacidade de criar ligando imaginação e inteligência. (BARBOSA; COUTINHO 2011, p. 15).

⁴Com as mudanças no currículo do ensino de Arte com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira n. 4024 de 20 de Dezembro de 1961, tem-se um novo olhar para o ensino de Arte. Dez anos depois veio à lei, LDB nº 5692/71 que torna a disciplina em Educação artística, ampliação os conteúdos em música, artes plásticas, artes cênicas e desenho, currículo obrigatório no 1º e 2º grau. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº

⁴ Disponível em: [https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/ensino-de-artes-e-a-historia-da-arte-na-educacao/67348#:~:text=Na%20Escola%20Nova%20o%20ensino,e%20Fusari%20\(2009,%20p.&text=O%20movimento%20modernista%20tamb%C3%A9m%20teve,para%20forma%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica%20e%20est%C3%A9tica](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/ensino-de-artes-e-a-historia-da-arte-na-educacao/67348#:~:text=Na%20Escola%20Nova%20o%20ensino,e%20Fusari%20(2009,%20p.&text=O%20movimento%20modernista%20tamb%C3%A9m%20teve,para%20forma%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica%20e%20est%C3%A9tica)>. Acesso em: 20 mai. 2020.

9.394/1996), a Base⁵ deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Até o ano de 2017, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) eram um importante material elaborado para nortear o trabalho docente, como referencial no ensino das quatro modalidades artísticas: artes visuais, música, teatro e dança, nos currículos do ensino fundamental e médio de todas as escolas do país. Já no ano de 2018 foi divulgada uma Base para toda a Educação Básica, BNCC - Base Nacional Comum como uma proposta de torna os alunos protagonistas do processo no ensino de Arte, dando maior liberdade na definição dos temas a serem abordados e maior liberdade na construção do processo de criar, de modo a ampliar a sua sensibilidade e que fosse orientada pelo professor.

No ensino em Arte, destaca-se uma Abordagem sistematizada pela professora Ana Mae conhecida como Abordagem Triangular que tem como base o uso de três eixos: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar

Dos anos 90 em diante, temos aqui no Brasil, sistematizada por Ana Mae Barbosa, uma concepção de construção de conhecimento em artes denominada "*Proposta Triangular do Ensino da Arte*", nela postula-se que a construção do conhecimento em Arte acontece quando há a interseção da experimentação com a codificação e com a informação. Considera-se como sendo objeto de conhecimento dessa concepção, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre a Arte e o Público, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar. (BARBOSA, 2008, p.66-67).

⁵ BNCC – Base Nacional Comum. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

A Abordagem Triangular objetivou um melhor entendimento do ensino de Arte com uma aprendizagem mais significativa para o aluno. No entanto, essa abordagem não se refere a um modelo padrão e sim, possibilitar ao professor a elaboração de uma metodologia menos engessada.

1.2 – O DESENHO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA

“Você pode fazer o desenho que quiser. Você pode fazê-lo a partir de sua fantasia ou você pode desenhar aquilo que está bem ali na sua frente, mas não existe uma maneira correta de se fazer isso”. (Richard Serra)⁶

No livro “O Pequeno Príncipe”, o autor inicia com a observação de um adulto ao desenho de uma criança. Ele mostra uma ilustração de uma jiboia que engole a presa inteira e adormece por seis meses para a digestão. Ao mostrar o desenho (Figura 1) para um adulto, o pequeno príncipe tem uma interpretação inesperada “Mostrei minha obra prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Respondera-me: "Por que é que um chapéu fazia medo?" (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 2).

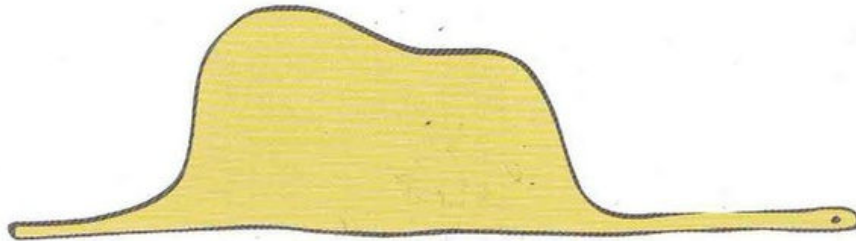


FIGURA 1

Em seguida, ele desenha o interior da jiboia (Figura 2), “a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações.” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 2)

⁶ PIYASENA, Sam e PHILP, Beverly. *Desenhe! Curso de desenho dinâmico para qualquer um com papel e lápis à mão*. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015, p. 11.

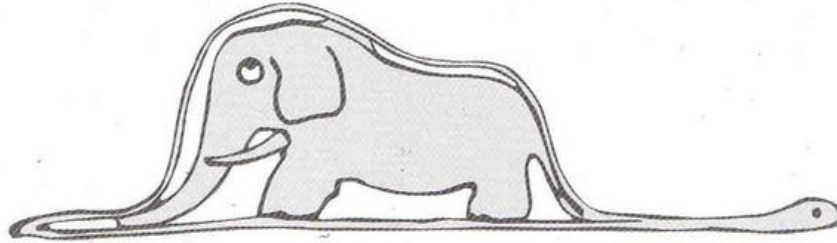


FIGURA 2

Fonte: Disponível em <<https://www.culturagenial.com/livro-o-pequeno-principe/>> Acesso em: 15 de abril de 2020.

E assim os adultos “as pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 (FIGURA 1) e do meu desenho número 2 (FIGURA 2). As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p. 2)

Para a criança, desenhar não é a mesma coisa que para um adulto. Desenhar é um meio de se comunicar com o mundo, mas, ao mesmo tempo, envolve o seu perceptivo, o cognitivo, o motor e o afetivo. A criança obtém segurança nas suas relações sociais com as práticas lúdicas do “faz de conta” dos seus desenhos. A interpretação de um desenho, de uma imagem, é muito pessoal e decorre da bagagem e experiência de cada um. Por isso, não existe certo e errado, pois restringe o olhar para um único jeito de ver e representar uma imagem que pode ter vários significados, levando o potencial criativo para uma expressão autêntica. É importante desmistificar o que é “belo” e “feio” nas artes visuais, porque somos “moldados” a achar que existe um único caminho na arte.

Na verdade, se pedirmos a adultos comuns que façam um desenho, verificaremos que a maioria se mostrará esquivada, alegando não ser boa em desenho. Com frequência, ficarão meio embaraçados, talvez cheios de desculpas e, quase certamente, não levarão a sério suas próprias tentativas. Embora não se possa esperar que seus desenhos se equiparem ao dos grandes artistas, poderíamos esperar, pelo menos, certo grau de competência e habilidade. Contudo, é evidente que a maioria dos adultos percebe que lhe falta habilidade para desenhar. É claro que, na maior parte dos casos, não consideram essa deficiência uma grande desvantagem e raramente mostram alguma preocupação com o seu fraco desempenho; afinal, podem viver muito bem sem saber desenhar. Por outro lado, se não

soubessem ler, escrever ou fazer contas, a vida seria muito mais problemática. (COX, 2010, p. 6)

Assim como na pintura, na escultura ou na fotografia, o desenho é importante na construção de imagens, seja na criação artística, ou na preservação da cultura local, para contar histórias ou vivências. Nas artes gráficas, publicidade, ilustrações, HQs, placas de sinalização, lá está o esboço, o grafismo, o rabisco, ou o personagem. Já na infância, ficamos debruçados sobre o papel com o lápis na mão, nossa primeira experiência intuitiva com a arte.

Uma das linguagens mais acessíveis das artes visuais, o desenho é recorrente em sala de aula. Os alunos frequentemente se utilizam dele em diferentes situações: fazendo grafismos em seus cadernos, como maneira de registrar uma aula, criando cartazes, personagens, histórias em quadrinhos, entre outros usos. Há várias maneiras de realizar desenhos com diferentes materiais. O desenho é uma linha de contorno que envolve determinada forma. Assim, tanto a linha feita com lápis quanto aquela realizada com arame são desenhos. (PEREIRA, 2019, p.25)

Num primeiro momento, a aquisição da linguagem do desenho é verdadeiramente o gesto, o traço, o movimento resultado de uma ação intuitiva, mas à medida que a criança cresce, é comum o distanciamento na relação com o desenho. As escolas de ensino infantil têm um papel fundamental na formação sensorial, motora e possibilitar a experimentação no fazer artístico. Entretanto, essa técnica costuma ser normalmente utilizada na forma de atividades voltadas para o desenho geométrico, produção de cópias ou em exercícios de colorir.

No desenvolvimento da criação artística infantil, inclusive a plástica, é preciso seguir o princípio da liberdade, que é a condição imprescindível de qualquer criação. Isso significa que as aulas de criação para crianças não podem ser nem obrigatórias nem compulsórias e podem surgir apenas dos seus interesses. Por isso, na idade de transição, o desenhar também não pode ser um fenômeno comum e geral. Mas, tanto para as crianças talentosas como para as que não têm interesse em se tornar pintores profissionais, o desenhar possui um enorme sentido cultivador; quando, segundo o depoimento apresentado antes, as cores e o desenho começam a dizer algo para a adolescente, esta começa a dominar uma nova língua, que amplia sua visão de mundo, aprofunda seus sentimentos e transmite-lhe na língua de imagens o que de nenhuma outra forma pode ser levado até a consciência. (VIGOTSKI, 2009, p. 117)

Na produção artística, utilizamos de conhecimentos prévios, toda a nossa bagagem enriquece a construção de uma prática que dialogue com as abordagens artísticas. As atividades com o desenho podem trazer a capacidade criativa na simulação de hipóteses e na construção de ideias.

Talvez haja ocasiões, principalmente com crianças maiores, em que seja muito construtivo mostrar-lhes como outros artistas fizeram para produzir certo efeito. Isso pode ser conseguido sem transmitir a ideia de que há apenas uma maneira correta de fazê-lo. A condução sensata e proveitosa do problema vai depender em grande parte da compreensão que o professor tem das características do desenvolvimento dos desenhos infantis. No entanto, como em nossa sociedade não consideramos de fundamental importância a obtenção de um alto nível de habilidade no desenho, provavelmente os professores não estão tão bem-informados sobre essas características quanto sobre as outras matérias do currículo básico. (COX, 2010, p. 253)

Pensando na importância de se conhecer as linguagens artísticas e no interesse em aproximar o desenho da vivência em sala de aula, usarei os elementos linha, a cor e o ritmo para pensar uma proposta didática com encontros que explorem o desenho.

CAPÍTULO 2 – A MINHA FORMAÇÃO

O desenho está presente na minha vida desde a infância até a fase adulta, mas eu comecei a desenhar por meio de esquemas ensinados pela minha mãe: flor, casa, rostos, cópias passadas por ela com todo o carinho possível, mas que me bloquearam a desenvolver um desenho autoral. Não me recordo das aulas de Arte no Ensino Fundamental, mas tenho guardadas boas lembranças das aulas do Ensino Médio. Acredito que na minha vida escolar, esse tenha sido o momento de maior envolvimento com o ensino de Arte, com as obras de artistas brasileiros, vivência com linguagens artísticas e processos criativos. Minha professora não só me despertou para essa experiência como também, foi a minha inspiração na escolha do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Mas a aproximação com o desenho de observação e técnicas, só ocorreu nas aulas particulares de preparação para as provas de aptidão da Escola Guignard/UEMG e Belas Artes/UFMG. Depois, meu envolvimento se deu na universidade por meio das disciplinas de criação e na produção de exposições dos trabalhos feitos com nanquim. Mas ainda hoje, sinto necessidade de um maior aprofundamento com o processo do desenho de modo a estimular os alunos a desenvolverem o desenho

Sobre o olhar do professor/artista e das possíveis conquistas no campo da educação em Arte, o meu TCC tem como finalidade valorizar o ensino do desenho, avaliando o contexto dessa linguagem nas aulas de Artes Visuais no Ensino Fundamental II.

O material didático para o ensino-aprendizagem em Arte é um componente indispensável. Considerando que o ensino-aprendizagem não acontece de forma linear e os recursos didático-pedagógicos não funcionam como numa receita pronta, passo a passo, em Arte é fundamental o respeito às subjetividades dos alunos, o jeito próprio de cada um perceber o mundo e de se expressar no mundo e com o mundo. (LOYOLA, 2016, p. 13).

Os alunos expressam a sua cultura na construção simbólica das suas relações, seu modo de ver e representar o mundo. Por isso é importante a experimentação no uso de materiais, suportes e procedimentos que viabilizem experiências com o desenho.

Diferindo da teoria do espontaneísmo e do dom, o ensino apresenta-se como uma possibilidade concreta de apropriação da forma gráfica, plástica, de linguagem pelas crianças e adolescentes. Orientar o olhar, apresentar e analisar a produção de diversos autores, explicar a composição, mostrar a técnica, viabilizar o acesso aos materiais,

informar e instruir, são ações que ampliam a experiência, expandem o conhecimento, contribuem para o domínio das especificidades dessa forma de linguagem. Não se trata de colocar uma pintura em palavras. Trata-se de experienciar as possibilidades de sentido que uma obra mobiliza. Da análise das obras às possibilidades de produção, aprende-se outra forma de dizer, de objetivar a experiência social, subjetiva; aprende-se a narrar pelo desenho. (VIGOTSKI, 2009, p. 117).

A revista NOVA ESCOLA⁷ fez uma reportagem esclarecendo o conceito “desenho cultivado” criado por Rosa Lavelberg sobre o ensino de Arte nos anos 90: Ela diz que é preciso oferecer elementos culturais de modo que o acesso a clássicos da história da arte universal, à cultura visual e a diferentes técnicas e materiais possibilite que todos se expressem com mais “saber desenhista”. Se a marca da escola tradicional era a reprodução, e a da renovada, a espontaneidade, o modelo atual privilegia a reflexão e a recriação. Quando a criança quer traçar uma flor, será influenciada naturalmente pelas formas de flores que ela já viu (ao vivo ou em obras de arte). Observa-se aí uma grande diferença das tendências tradicional e renovada.

O conhecimento sobre os artistas, seus processos de criação com o desenho, tem significativo positivo na sala de aula, aproxima o aluno do artista e do experimentar o desenho.

O processo pedagógico e a didática são fundamentais para o Professor pensar materiais, conteúdos e proposições estético-artísticas e que atue como um proponente de ideias, ações e experiências e que atue como um mediador dessas ações. Por isso a importância da abordagem das experiências no contexto de estímulo à imaginação e à criação, relacionando-as com referenciais artísticos e com trabalhos de outros artistas. (LOYOLA, 2016, p. 20).

É importante que o professor/artista tenha uma percepção estética para inspirar e dialogar junto aos alunos, entendendo os meios diferentes de existir o desenho, a fim de promover possíveis experiências dentro da prática em sala de aula.

⁷ Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/7580/ensinar-a-turma-a-desenhar>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DIDÁTICA E O DESENHO

Esta proposta didática tem como princípio desenvolver o desenho com alunos do Ensino Fundamental II em uma prática mais significativa e espontânea. Minha intenção é experimentar novas formas de criar o desenho. Para isso, as práticas serão fundamentadas nos três eixos: no observar, no interpretar e no criar, dialogando com a tríade sintetizada por Barbosa com a Abordagem Triangular (a contextualização, a fruição e o fazer artístico). Essa proposta será desenvolvida com encontros que terão duração de uma aula.

3.1 – TEMA GERAL: O USO DA LINHA, DA COR E DO RITMO

Instruções gerais: Essa proposta didática não é um modelo fechado para o ensino do desenho em Arte, pelo contrário, ela deve ser pensada de modo a possibilitar a escolha de outros artistas e obras. Nosso propósito é fornecer aspectos gerais a serem desenvolvidos tendo em vista a potencialidade de integração do desenho com as diversas áreas, envolvendo métodos e processos criativos que permitem relacionar diferentes elementos visuais. A observação pode ser um elemento facilitador na aprendizagem, auxiliando o aluno a desenvolver a visão espacial, a capacidade inventiva, intuitiva e imaginativa. Na contextualização histórica localiza-se a obra de acordo com o tempo cronológico/histórico, seu tema e realidade. A análise da obra permite se aproximar do artista e entender as relações no processo de produção de um objeto de arte. Além disso, possibilita conhecer outras linguagens, e ampliar o conhecimento das artes visuais, abstrato, realismo, arte conceitual, gravura, muralismo, escultura e instalação, entre outros. É importante que o aluno tenha liberdade no seu processo criador, pois esse momento, ele desenvolve seu olhar sobre a sua cultura e as linguagens estudadas em sala de aula.

3.1.1 – PRIMEIRO ENCONTRO/PARTE I – LINHA E COR

Obra/artista selecionada (o): Jaider Esbell e pinturas *Itwasamazon-01* e *A árvore de todos os saberes*.

Objetivo da atividade: estimular a capacidade de observação dos alunos por meio de perguntas realizadas pelo professor. Incentivar a capacidade interpretativa e crítica por meio da interpretação de elementos visuais e narrativos.

Sobre o artista: Jaider Esbell é um artista plástico, ativista e escritor do povo indígena Macuxi do estado de Roraima. Ele tem livros publicados sobre mitos, lendas e as histórias do povo indígena. O seu trabalho aborda o caos das relações humanas, as forças da natureza e dos seres vivos. O artista também reflete sobre a ancestralidade, a memória, a política global, o ser local e o poder⁸.

Descrição das atividades a serem realizadas: solicitar aos alunos que descrevam por meio de palavras ou desenhos; as figuras, elementos ou paisagens representadas na imagem (espera-se ouvir palavras como: mata, fogo, árvores, energia, antena, esgoto e prédio – (FIGURA 1)⁹.

Perguntar aos alunos quais ambientes são representados na pintura e onde é possível encontrá-los; essa abordagem deverá conduzir a turma a observar duas realidades distintamente representadas: a cidade e a floresta. Mostrar imagens e vídeos da floresta (Amazônia), da fauna, flora, do artista e da comunidade Macuxi.

Questionar os alunos: você consegue identificar pessoa(s), indivíduo (s) ou bicho (s)? Mostrar imagens de cidades e indicar que esses espaços são habitados/ocupados; na pintura, por algum motivo, o artista não representou nenhuma pessoa.

Quantas cores podem ser observadas? Porque você acha que o artista utilizou essas cores? Você acha que ele desejou passar uma ideia de tristeza? De felicidade?

Na pintura é possível identificar a palavra “progresso”. Você sabe o que significa progresso? Você acha que a pintura representa o progresso? Por quê?

⁸ Disponível em: <<https://revistaphilos.com/2018/04/30/arte-do-povo-makuxi-sobre-a-obra-de-jaider-esbell-por-ninfa-parreiras/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

⁹ Caso ache interessante, o professor poderá propor aos alunos uma discussão sobre o artista Jaider Esbell e o conceito, ainda em desenvolvimento, de “arte indígena brasileira”. Para isso, o professor fará uma introdução propondo uma pesquisa dos alunos sobre a relação dos povos indígenas com a matéria-prima, os saberes, os rituais e a etnografia de modo a ampliar a percepção dos mesmos sobre a cultura indígena. Disponível em: <<https://www.institutoiepe.org.br/infoteca/livros/artefatos-e-materias-primas-dos-povos-indigenas-do-oiapoque/>>. Acesso em: 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_da_argila.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Em qual dos dois locais você gostaria de morar? Se você pudesse acrescentar ou remover algum elemento da pintura, qual seria?

Materiais necessários: *pen drive, data-show, extensão, caixa de som.*

Reflexão sobre a atividade: Espera-se que o aluno consiga identificar elementos visuais na imagem que justifiquem relações de causa e consequência. Nesse processo é importante que o professor não induza o aluno nas suas observações. Durante a atividade diversas interpretações são possíveis: que elementos de um ambiente permitiram a construção/desenvolvimento de outro, que os dois ambientes são inconciliáveis, que os dois espaços são locais tristes e inabitáveis dentre outros aspectos.



FIGURA 1 – Jaider Esbell, *Itwasamazon-01*.

Fonte: Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso: em 18 mai. 2020.

Descrição das atividades a serem realizadas: solicitar aos alunos que descrevam, com apenas uma palavra; as figuras, os elementos ou as paisagens representadas na imagem (espera-se ouvir palavras como: árvores, raiz, rio, frutos), (FIGURA 2). Perguntar aos alunos o que costuma encontrar nos galhos de uma árvore e nas suas raízes. Apresentar o título da obra *A árvore de todos os saberes* e explicar aos alunos o que é um “saber”. Essa abordagem deverá conduzir a turma a observar

dois espaços representados na obra: as origens e os desdobramentos de conhecimentos como a ancestralidade, os costumes e a velhice.

Questionar os alunos: quantas cores podem ser observadas? Porque você acha que o artista utilizou essas cores (para representar a terra, as folhas, frutos)? Você acha que ele desejou passar uma ideia de tristeza? De felicidade (exuberância)?

Materiais necessários: *pen drive, data-show, extensão, caixa de som.*

Reflexão sobre a atividade: Espera-se que o aluno consiga identificar, por meio dos elementos visuais da pintura, relações de causa e consequência. Nesse processo é importante que o professor faça introdução de conceitos como os de crescimento, desenvolvimento e aprimoramento. Novamente, é importante não induzir o aluno a uma interpretação específica.



FIGURA 2 – Jaider Esbell, *A árvore de todos os saberes*, 2013, acrílica sobre tela, 230 x 250 cm.
Fonte: Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

3.1.2 – ENCONTRO/ PARTE II – LINHA E COR

Obra/artista selecionada (o): Sandra Cinto, *Noturno*.

Objetivo da atividade: estimular a capacidade de observação dos alunos por meio de perguntas realizadas pelo professor. Incentivar a capacidade interpretativa e crítica dos elementos visuais presentes nas narrativas das obras.

Sobre a artista: Sandra Regina Cinto¹⁰ é arte-educadora e artista visual de São Paulo (Santo André), formada pelas Faculdades Integradas Teresa d'Ávila (Fatea). Em seus trabalhos, ela desenvolve o desenho como referencial/rascunho de modalidades artísticas: pintura, escultura, instalação e murais. A artista constrói espaços reflexivos sobre o ambiente ao redor e o que tem em volta. A maioria das suas instalações são suportes para os desenhos feitos minuciosamente a mão e que transitam por universos com dimensões imagéticas.

Descrição das atividades a serem realizadas: Questionar os alunos: você sabe o que é uma instalação? Ilustrar a obra da artista é perguntar: isso seria uma instalação? (FIGURA 3). Ao final do debate, passar vídeos com a artista refletindo sobre as suas principais referências artísticas.



FIGURA 3 – Sandra Cinto, Noturno.

Fonte: Disponível em <<https://www.premiopipa.com/2019/04/noturno-uma-reflexao-sobre-a-obra-grafica-de-sandra-cinto/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

¹⁰ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Na imagem abaixo (FIGURA 4) a artista parece valorizar a amplitude e a lentidão do espaço/tempo por meio de linhas curvas semelhante a ondas¹¹.

Por meio dessa figura, questionar os alunos se é possível observar alguma forma, objeto ou ambiente (a obra é de modo geral abstrata, mas ainda assim é possível observar formas específicas, como por exemplo, representações que lembram estrelas).



FIGURA 4 – Sandra Cinto, Noturno.

Fonte: Disponível em: <<https://www.premiopia.com/2019/04/noturno-uma-reflexao-sobre-a-obra-grafica-de-sandra-cinto/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Questionar os alunos: O título da obra de Sandra Cinto é *Noturno*; você concorda com esse nome? Por quê? Se você pudesse dar outro título, qual seria? A artista usou um fundo preto e sobre esse, elementos em branco; vocês imaginam por quê?

Um noturno quer dizer uma música para se tocar no piano e que normalmente apresenta um andamento mais lento. Tais composições se originam do substantivo “noite” e, portanto, estimulam uma profunda contemplação. Os Noturnos foram escritos durante século XIX e sua autoria se deve primeiramente ao compositor irlandês John Field. Contudo, esse estilo musical passou a ser reconhecido pelo público com os 21 noturnos compostos de Frédéric Chopin.

¹¹ Disponível em: <<https://www.premiopia.com/2019/04/noturno-uma-reflexao-sobre-a-obra-grafica-de-sandra-cinto/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

A artista brasileira Sandra Cinto costuma desenvolver em suas obras uma aproximação com a música. Na obra *Noturno* a artista revisita alguns elementos e os incorpora numa instalação imersiva, monumental, porém com caráter mais intimista.

Materiais necessários: *pen drive, data-show, extensão, caixa de som.*

Reflexão sobre a atividade: Espera-se que o aluno consiga identificar conceitos (abstração, universo, galáxia, estrela) na imagem e alguns elementos visuais apresentados anteriormente (linhas e cores). Nesse processo é importante que o professor permita o diálogo entre o conhecimento prévio dos alunos e a obra de arte. A ideia é que o aluno elabore sua própria interpretação da obra tendo em vista os elementos visuais abstratos utilizados pela artista.

3.2 – TEMA GERAL: RITMO E COR

Instruções gerais: Nosso propósito é ampliar as potencialidades dentro do ensino de Arte com o desenho como fio condutor. Por esse motivo, iremos desenvolver o desenho em áreas como a música e o cinema. Novamente, utilizaremos a observação como um recurso para estimular o aprendizado do aluno, principalmente por meio das relações de causa e consequência e do estímulo a criatividade. Ressaltamos que é importante que o professor conduza o aluno no seu processo de criação, pois isso poderá desafiá-lo a construir suas percepções e pensamentos acerca dos assuntos/temas estudados durante as aulas, estimulando a subjetividade e as criações individuais.

3.2.1 – SEGUNDO ENCONTRO/PARTE I – RITMO

Obra/artista selecionada (o): Selecionar algum trecho ou movimento dos “Noturnos”, Op. 09 de Frédéric Chopin (1810 - 1849).

Objetivo da atividade: apontar para os alunos elementos relativos ao conceito de ritmo (velocidade, lentidão, intensidade) e música (melodia, grave, agudo, harmonia, composição, notas, partitura). Perceber as relações intrínsecas nas linguagens artísticas e como isso influencia obras como *Noturno* de Sandra Cinto.

¹²Uma composição musical, normalmente é composta por três elementos: a melodia (forma como os sons se desenrolam no tempo), a harmonia (forma como os sons soam em simultâneo) e o ritmo. O ritmo é importante para determinar a duração de cada som na música e também a duração dos silêncios. Não é apenas nas atividades humanas que encontramos o ritmo, ela está presente também na natureza e basta observar algumas situações como, por exemplo, o ciclo de uma semente, a alternância entre o dia e a noite, o movimento das marés, as mudanças de estações ou na medida do tempo.

Sobre o artista: O pianista¹³ e compositor polonês Frédéric Chopin (1810 – 1849) foi um dos mais importantes e aclamados músicos do século XIX. Começou a estudar piano aos cinco anos de idade com a irmã Ludwika e aos sete, viu sua primeira obra a “Polonaise em Sol Menor” ser publicada em uma revista.

Descrição das atividades a serem realizadas: Apresentar o conceito de ritmo para um primeiro debate. O ritmo pode ser um movimento com repetição de compassos e intervalos musicais regulares ou irregulares. Para falar do ritmo musical, usaremos o ritmo cardíaco como exemplo; você consegue sentir o batimento por minuto em uma velocidade rítmica que é usada para medir tanto a pulsação do coração humano quanto o andamento musical. Para exemplificar melhor, passar um vídeo contendo o áudio da música, a partitura com o movimento das notas no piano (FIGURA 5) para que os alunos percebam o ritmo, a intensidade, as variações no piano.

Pensar na influência que a música *Noturno* traz na instalação de mesmo nome da artista Sandra Cinto.

Questionar os alunos: O que vocês entendem por ritmo? É possível representá-lo por meio de um desenho, imagem ou obra de arte? Quais imagens a composição *Noturno* pode representar? Vocês percebem alguma alternância na melodia? Qual sentimento ou sensação a melodia te traz?

¹² Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/ritmo-musical/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.ebiografia.com/frederic_chopin/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

a personalidade pessoal na percepção de algum aspecto/momento do filme (som, cor, personagens, sentimentos, ambiente, histórias, meio ambiente, natureza, etc).

Sobre o artista: Akira Kurosawa nasceu em Tóquio no Japão (1910 – 1998), foi pintor, ilustrador de revistas, publicitário e assistente de direção antes de se tornar um dos cineastas mais importantes do Japão. O diretor utilizava da cor para criar a cena construindo uma poética com a imagem e o som. Dirigiu 32 filmes e em 1989 recebeu o Oscar pelo conjunto de sua obra "pelas realizações cinematográficas"¹⁴.

Descrição das atividades a serem realizadas: Passar o filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa, diretor japonês que cria cenas com cores de uma pintura impactante. Após a exibição do filme, conversar com os alunos sobre os contos, os personagens, cenários, etc. Trazer um debate sobre os lugares apresentados no filme, aspectos da cultura japonesa, crenças e relação com a natureza. Propor aos alunos elaborar um desenho através de um sonho, pensamento ou uma imagem vinculada à realidade deles, sonhos e desejos. A ideia é usar as impressões sobre o filme de forma lúdica criando elementos fictícios ou reais como fez o diretor do filme. Pode ser paisagem, figura, abstrato ou realista usando cores vibrantes (cores complementares).

Questionar os alunos: O que te chamou mais atenção no filme? Por quê? Quais são os questionamentos que o filme traz? A natureza é importante para os japoneses? Por quê? No filme, as árvores têm espíritos?

Materiais necessários: lápis n. 2, borracha, lápis de cor, giz de cera, caneta hidrocor ou esferográfica, rolo de papel marrom Kraft, folha A4, papel cartão preto, amarelo, vermelho, cartolina. **Recursos tecnológicos:** *pen drive, data-show, extensão, caixa de som.*

Reflexão sobre a atividade: Espera-se que o aluno consiga estimular a capacidade interpretativa e crítica por meio de perguntas e curiosidades relacionadas ao filme. É importante deixar que os alunos falem as suas impressões sobre o filme, incentivando-os na percepção dos aspectos presentes na cultura japonesa e nos contos do filme, sem induzi-los a um pensamento.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.melhoresfilmes.com.br/diretores/akira-kurosawa>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

3.3 – TEMA GERAL: O USO DA LINHA, DA COR E DO RITMO

3.3.1 – TERCEIRA ENCONTRO

Obra/artista selecionada (o): Gravura *A grande onda em Kanagawa*, de Katsushika Hokusai.

Objetivo da atividade: estimular a capacidade dos alunos de construir um diálogo entre os elementos visuais linha, cor, ritmo e os trabalhos dos artistas. Conhecer alguns processos de produção dessas linguagens.

Sobre o artista: Katsushika Hokusai (1760 - 1849) foi um artista japonês, pintor de estilo ukiyo-e e gravurista do período Edo (1603-1867). Esse estilo basicamente era produzir gravuras a partir de um desenho colado a um bloco de madeira. O artista começou a pintar aos seis anos de idade, decorando os espelhos que o pai artesão fabricava, ele pintava os desenhos ao redor. A obra mais conhecida de Hokusai é uma série de xilogravuras chamada “Trinta e Seis Vistas do Monte Fuji” com várias visões do Monte Fuji, em diferentes ângulos, estações, cores e momentos do dia, o que demonstra o fascínio do artista pela montanha. *A Grande Onda de Kanagawa* foi o trabalho de maior reconhecimento internacional, ela retrata uma enorme onda ameaçando a embarcação de pescadores¹⁵. O artista produziu mais de 30 mil obras de gravuras, desenhos, livros e pinturas, tornando-se um dos principais especialistas em pintura chinesa do Japão¹⁶.

Descrição das atividades a serem realizadas: Mostrar a gravura “A Grande Onda em *Kanagawa*” (FIGURA 6), de Katsushika Hokusai e a instalação *Encontro das Águas*, de Sandra Cinto (FIGURA 7), relacionando os dois trabalhos (épocas, tamanhos, materiais e recursos).

¹⁵ Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/hokusai/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/06/o-pintor-e-gravurista-japones-katsushika-hokusai-fez-muito-mais-do-que-a-famosa-onda-de-kanagawa/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.



FIGURA 6 – Katsushika Hokusai, A grande onda em Kanagawa (da série de 36 vistas do Monte Fuji), período Edo (1615 – 1868), cerca de 1830-32. Xilogravura policromada; tinta e cor sobre papel.

Fonte: Disponível em: <<https://conexaoplaneta.com.br/blog/hokusai-a-grande-onda-que-varreu-o-mundo/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

Sobre a instalação: o trabalho da artista é um grande painel, com um desenho que recria um mar tempestuoso sobre um fundo azul com traços foram feitos com canetas permanentes à base de óleo em tom prata¹⁷. Ao lado da parede, um barco/escultura de madeira em escala real dando ao observador a “impressão” de um naufrago. Conversar com os alunos sobre o ritmo, o movimentos das linhas, o uso das cores pelos artistas. Falar brevemente sobre o processo de elaboração do painel realizado pela artista junto com seus assistentes voluntários e como funcionava o processo de impressão de uma gravura: cada cor gerava uma matriz e debater sobre o tamanho da ilha, o modo de vida dos japoneses, a relação deles com o mar e a natureza. E por fim, propor aos alunos que imaginem habitantes que moram na gravura, seja na região ou no fundo do mar, representando-os por meio do desenho e da pintura.

¹⁷ Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,encontro-com-a-arte-brasileira-imp-872340>>. Acesso em: 18 mai. 2020.



FIGURA 7: Sandra Cinto. Encontro das águas (vista da instalação). Olympic Sculpture Park Pavilion, Seattle Art Museum, Seattle, 2012.

Fonte: Disponível em: <<https://www.casatriangulo.com/pt/artista/27/sandra-cinto/trabalhos/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Questionar os alunos: Se você pudesse escolher um título pra alguma dessas obras, qual seria? Quais elementos visuais estão presentes nas obras?

Como vocês imaginam que os artistas construíram essas obras, quais recursos e materiais foram usados? Quais figuras aparecem nas imagens? Você consegue imaginar quais habitantes vivem nessas imagens?

Materiais necessários: lápis n. 2, borracha, lápis de cor, giz de cera, caneta hidrocor ou esferográfica, rolo de papel marrom Kraft, folha A4, papel cartão preto, amarelo, vermelho, cartolina, tinta gauche: azul, vermelha, amarelo, branca, preta, pincéis, embalagens descartáveis (paleta), retalhos de tecido, jornal. **Recursos tecnológicos:** *pen drive*, *data-show*, extensão.

Reflexão sobre a atividade: Espera-se que o aluno consiga identificar algumas linguagens visuais e construa uma capacidade imaginativa e criadora em produções autorais usando os elementos visuais abordados nos trabalhos apresentados.

CONCLUSÃO

A escola é o lugar de encontros, um poderoso espaço de criação e construção. As propostas pedagógicas devem ser bem estruturadas a fim de possibilitar aos alunos, construir soluções para os problemas propostos, pensar novas hipóteses e reinterpretar suposições. O professor precisa pensar uma metodologia clara, dando acesso ao aluno dentro de sala de aula, tendo como prioridade o processo de ensino/aprendizagem.

Este processo de retomada de uma identidade profissional que estava de alguma maneira perdida tem provocado reflexões sobre a prática pedagógica em busca de um maior domínio das ações educativas. Tem-se exigido uma autonomia profissional do professor que pressupõe clareza e responsabilidade nas decisões e escolhas de como e o que ensinar. Estamos portanto, diante de uma situação reflexiva. (BARBOSA, 2008, p. 153).

É preciso pensar em um ensino de Arte com dinâmicas eficientes e atrativas dentro da contextualização e visitação de espaços culturais e exposições de artistas, sendo parte essencial do processo de ensino/aprendizagem do aluno. Usar recurso de multimídias em sala de aula, equipamentos, *data show*, som, computador, *pen drive*, vídeos e imagens, auxiliando a desenvolvimento do conteúdo abordado. Possibilitar suportes diversos para a experimentação de recursos, materiais, procedimentos e técnicas no processo de criação com o desenho. Diante disso, sinto a necessidade de pesquisar, experimentar e analisar como o desenho pode contribuir significativamente na elaboração de propostas didáticas que valorizem o ensino do desenho dentro do ensino de Artes Visuais. Assim, compete ao professor fomentador o interessante na elaboração de propostas pedagógicas significativas e práticas que possibilitem trocas, debates e a realização de produções artísticas. É necessário um trabalho que possibilite experiências voltadas para o potencial criativo e estético do aluno que integre o desenho na prática do professor/artista de modo a ampliar o conhecimento e a valorização do desenho na escola.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). *Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. *Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf> Acesso em: 30 abr. 2020.
- BEILFUSS, E. M. *O desenho na educação infantil*. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Artes Visuais Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte, 2015.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- CARVALHO, V. L. F. *O desenho como forma de expressão no Ensino de Artes Visuais*. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Artes Visuais Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte, 2015.
- COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- COX, Maureen. *Desenho da criança*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FRONER, Yacy-Ara. Pesquisa em/sobre ensino de Artes Visuais. In PIMENTEL, Lucia Gouvêa; FRONER, Yacy-Ara (orgs.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. p. 70-79.
- GOUTHIER, J. S. História do Ensino da Arte no Brasil. In: Lucia Gouvêa Pimentel. (Org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, v. 01.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- LOYOLA, Geraldo Freire. Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. p. 9-30.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/EBAC-A9GJ98>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NOVOA, A. (Org.) *Vidas de professores*. Porto Editora, 2007.

PEREIRA, Katia Helena. *Como usar Artes Visuais na sala de aula*. 2.ed., 5ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios*. In: NAZÁRIO, Luiz; FRANCA-HUCHET, Patricia. *Concepções contemporâneas de Arte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 310-317.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Fugindo da escola do passado: arte na vida*. IN: *Revista Digital do LAV* – Santa Maria – vol. 8, n. 2, p. 5 - 17. – mai./ago. 2015.

PRÊMIO PIPA 2016/Jaider Esbell. Disponível em:<<https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

PIYASENA, Sam e PHILP, Beverly. *Desenhe! Curso de desenho dinâmico para qualquer um com papel e lápis à mão*. 1.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/7580/ensinar-a-turma-a-desenhar>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Disponível em: <<https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Sandra Cinto (Ateliê da artista). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rhJ8XHDvDI>>. Acesso em: 18 mai. 2020

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ToIPfqN6IJ0>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oBlt9Z2nkqM>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N_h5kAeU64E>. Acesso em: 18 mai. 2020.

Disponível em: <<https://www.escriitoriodearte.com/artista/sandra-cinto/sem-titulo-serie-a-travessia-dificil-7687>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

VIGOTSKI, Lev S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Presyes. 1. ed. São Paulo: Atica, 2009.